

## **PESQUISA-ARTE-FORMAÇÃO: ASSUNÇÃO DE PROFESSORA-ARTISTA**

Michelle Dantas Ferreira<sup>1</sup> – UNIRIO/SME-RJ

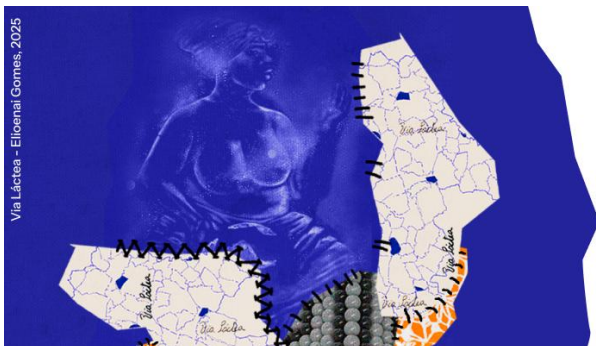
Acreditamos que Professoras-pesquisadoras que não tenham experimentado uma formação institucionalizada em arte, podem descobrir-se artistas, tendo a formação docente e a pesquisa acadêmica como disparadoras para esta descoberta de si. Desde 2014 temos encontrado pistas deste processo de nos experimentarmos professoras-pesquisadoras-artistas, ao investigarmos junto ao Grupo de Pesquisa FRESTAS – Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Trocas, Arte e Sentidos, vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), as relações possíveis entre formação e arte por meio de uma Educação Estética (Duarte Jr., 2000). No entanto, foi no processo de feitura de nossas dissertações de mestrado, desenvolvidas também na UNIRIO, em 2021 e 2022, que elas ganharam mais força.

Nesse fluxo, enxergamos que nós, professoras sem habilitação formal no campo das artes, havíamos experimentado criar artisticamente composições a partir da relação com o campo da pesquisa. Aqui é preciso salientar que as discussões compartilhadas neste escrito são fruto de inquietações de duas professoras, apesar da autoria deste trabalho estar somente em nome de uma, com a concordância da outra, que não pôde participar do evento.

Isto nos levou a investigar possibilidades à assunção de professoras-artistas que, ao ofertarem/experimentarem uma formação docente que aguce suas sensibilidades (Duarte Jr., 2000; Perissé, 2009), se percebam e se afirmem propositoras e criadoras de composições artísticas. Ampliamos espaço, portanto, para visibilizar a necessidade de que nós, professores/as em constante devir, vivamos a experiência de assumirmo-nos: “[...] como ser social e histórico, como ser pensante,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa FRESTAS, ambos na UNIRIO. Professora da rede pública municipal do Rio de Janeiro, atualmente, ocupando a função de gestora de um EDI na Zona Oeste da cidade. *E-mail:* [michaduda@yahoo.com.br](mailto:michaduda@yahoo.com.br)

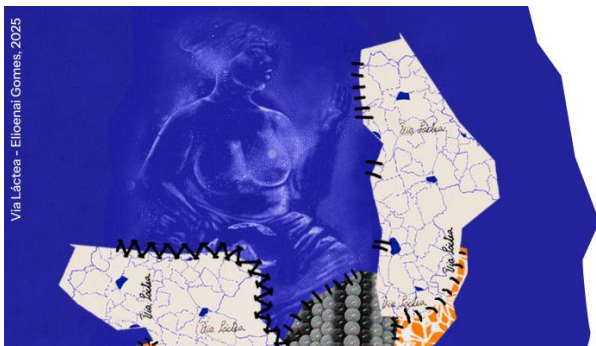


comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...]” (Freire, 2021, p. 42) e artistas – porquê não?! – como provoca Camnitzer (2018).

Diante disso, ressaltamos a relação entre pesquisa, arte e docência, abordando as experimentações artísticas que vivenciamos no percurso do Mestrado, como disparadores reflexivos. Pautamo-nos no processo artesanal da construção de nossas dissertações, momentos com os quais nos deparamos mais fortemente com a relação professora-pesquisadora-artista, uma vez que, ao nos debruçarmos sobre as narrativas e materiais que emergiram do campo das pesquisas, criamos composições autorais que se materailizaram em forma de desenho, colagens, poemas, vídeos, áudios e até construções bidimensionais. Assim, olhamos para o processo da escrita da dissertação como um percurso no qual, além de tecermos estreito diálogo com a arte, nos experimentamos artistas.

Dessa forma, alumiamos a ideia de um “Encontro estético” que acontece entre os sujeitos e a arte, entendendo que “[...] o artista é aquele que vê nas coisas um caminho de criação” (Perissé, 2009, p. 30) e refletindo sobre “vir a ser artista” quando criamos pensamento, pesquisa e estratégias pedagógicas sob uma perspectiva estética, em um modo de experienciar a educação forjado pelo aguçamento dos sentidos que, junto as artes, nos encaminha a “[...] compreender um pouco melhor o que nos rodeia, captar a respiração da realidade para não morrermos de asfixia [...]” (Perissé, 2009, p. 28), enfatizando nosso potencial de existir de maneira integrada (Duarte Jr., 2000) para, em relação com os acontecimentos que nos atravessam via experiência (Larrosa, 2014), captarmos seus significados.

Nossas dissertações foram escritas no contexto da pandemia da COVID-19 (2020-2022), e encontramos na criação artística, possibilidades e caminhos para pesquisas acadêmicas não só éticas e políticas, como estéticas. Ambas tiveram como campo um Centro Integrado de Educação Pública, em Acari, Zona Norte do Rio de Janeiro. Uma instituição que atende crianças da Educação Infantil (Pré-escola) ao 5º ano do Ensino Fundamental I e contava com cerca de cinquenta profissionais na época. O Coronavírus acentuou as vulnerabilidades que perpassavam as/os



educadoras/es, crianças e suas famílias em seus contextos conflagrados. Como viabilizar uma pesquisa sobre formação docente continuada diante disso tudo? Como criar remotamente com os/as educadores/as um percurso formativo que despertasse e mobilizasse uma educação estética? Como escutar no caótico, no opaco, na dureza dos dias o chamado para que “outra” coisa, portanto, pudesse aparecer (Perissé, 2009)?

Elegemos a metodologia da Conversa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018) como dispositivo formativo, experimentando, no contexto científico de investigações em educação e arte, relações mais horizontais para refletir acerca de questões gestadas na docência e na pesquisa. Pois, desejávamos propor espaços à experimentação de vivências formativas, tendo como premissa a indissociabilidade entre corpo, arte e educação. Uma de nós trilhou este caminho propondo “vivências formacionais” (Ferreira, 2021), um conjunto de propostas que visava oportunizar encontros das/os educadoras/es consigo, suas emoções e potência criadora, por meio das linguagens artísticas. E a outra abordou essas experiências por meio do vínculo entre o Yoga e a Educação Estética (Bemvenuto, 2022), motivada em investigar como esses campos, quando aproximados, podem ser potencializadores da prática docente.

Ambas as vivências se deram remotamente e eram compostas por propostas de criar com as múltiplas linguagens das artes, momentos de atenção ao corpo, aos pensamentos e ao cotidiano. Desta forma, buscaram estimular as/os participantes a experimentarem uma abordagem formativa que não se dava pela sucessão de acontecimentos desconexos de sua realidade cotidiana.

Após as vivências, ao tecermos os textos ainda encharcadas do vivido, percebemos que apenas a linguagem escrita não daria conta de comunicar os pontos centrais de nossas discussões. Os registros despertaram em nós, autoras, a disponibilidade para narrativas outras – desenho, performance, fotografia, audiovisual, colagem digital e escrita poética – como forma de comunicar sobre o experienciado nas formações propostas, tomando nosso corpo e nossas percepções do vivido como tessitura dissertativa; evidenciando os diversos modos que o narrar e o viver nos



convocavam. Um exemplo é a colagem digital intitulada “O florescer é coletivo”, elaborada pelo dinamismo criador (Perissé, 2009) de uma de nós a partir dos registros derivados das experiências com o Yoga.

**Figura 1 – O florescer é coletivo**



Fonte: O/A autor/a.

Ou na composição da outra, intitulada “Corpo Cartográfico”, que materializa em tecido, linha e elementos naturais, o corpo da pesquisa em diálogo com os registros recebidos.

**Figura 2 – Corpo Cartográfico**





**Fonte:** O/A autor/a.

Seguimos nos deparado com este dilema também no doutorado – uma em Educação e a outra, em Educação Física –, pois temos buscado comunicar para além de uma escrita acadêmica hermética e uma concepção de ciência que encaixota os saberes. Entendemos que nossas pesquisas são Pesquisas-Vida (Lenz; Ramallo; Ribeiro, 2023), pois não estão apartadas do campo, ao contrário, vão sendo tecidas por fios que entremeiam o que vivenciamos e o que pesquisamos. A pesquisa se dá no acontecimento da vida vivida. Dessa forma, temos não só experienciado um fazer com arte nas formações que propomos, como temos elaborado formas artísticas de enunciar ao mundo os achadouros (Barros, 2018) das pesquisas.

Diante disso, percebemos que tais criações noticiam um processo formativo no qual fomos descobrindo, acessando e assumindo nossas dimensões artísticas. Anunciam, a partir da nossa prática e diálogos com os referenciais, ser possível que professoras que vivam uma formação voltada à criação, possam se experimentar professoras-artistas e que, tanto a pesquisa acadêmica quanto a própria formação podem ser disparadoras à esta descoberta. Contam sobre como investimos no contato com os registros produzidos pelas/os educadoras/es e como nos aproximamos sensivelmente de nossas trilhas autobiográficas para criarmos, então, registros autorais e artísticos. Nos conduzem a destacar que, ampliar espaço para essas outras linguagens da arte opera como um exercício disruptivo em ambiências educacionais que vêm alijando os processos criativos e as sensibilidades com normas e padrões para a feitura de trabalhos e estruturação das formações. E, por fim, reforçam em nós que caminhar de mãos dadas com a criação tem a ver também com fazer frente à falsa dicotomia que, desde a modernidade, vem separando corpo-mente, razão-emoção, conhecimento intelectual-criativo nos cotidianos e na educação.



## Referências

- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.
- BEMVENUTO, Vitória da Silva. **Esvaziar para preencher**: experiências (trans)formativas de educadoras. 2022. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22022/23\\_vitoria-da-silva-bemvenuto](https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22022/23_vitoria-da-silva-bemvenuto).
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- FERREIRA, Michelle Dantas. **Miudezas (Des)Formativas do/no cotidiano**: experiências estéticas e artísticas em um coletivo de educadoras/es. 2021. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22021/23\\_michelle-dantas-ferreira](https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22021/23_michelle-dantas-ferreira).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GROSSI, Gabriel Pillar. Luis Camnitzer: "Todos deveriam ser artistas". **Revista Nova Escola**. São Paulo, mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/242/luis-camnitzer-todos-deveriam-ser-artistas>
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LENZ, Rossana Godoy; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. Investigaciones-vidas em educación: conversar escuchar y constelar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 303-313, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.69448. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/69448>. Acesso em: 05 set. 2025.
- PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.